

O SER ESPELEÓLOGO: GEOPOÉTICA E AS REPRESENTAÇÕES DE UM DISCURSO COLETIVO¹

BEING SPELUNKER: GEOPOETIC AND REPRESENTATIONS OF A COLLECTIVE SPEECH

Luiz Afonso Vaz de Figueiredo

SBE/Centro Universitário Fundação Santo André-FSA/DG-USP.

Contatos: lafonso.figueiredo@gmail.com.

Resumo

A questão que se apresenta no presente estudo exploratório é a caracterização do discurso relacionado com a construção da idéia de ser espeleólogo. O trabalho foi realizado por meio de levantamento documental e bibliográfico e depoimentos eletrônicos coletados com 18 indivíduos praticantes de atividades espeleológicas, entre 2008-2009. A base conceitual ancora-se na noção de geopoética e nas influências da imaginação poética da paisagem na construção das representações do fazer espeleológico. Observaram-se na construção desse discurso uma polissemia conceitual, conflitos relacionados com a caracterização da atividade, aparecendo os trânsitos entre racionalidades e sensibilidades nessas práticas de aventura na natureza e o grau de conhecimento sobre o assunto. Destacaram-se na representação do ser espeleólogo as palavras: paixão, conhecimento/técnica, aventura, participação, interações/relações e personalidade.

Palavras-Chave: Geopoética; Representação social; Práticas Discursivas; Espeleólogo.

Abstract

The question that arises in this exploratory study is to characterize the discourse related to the construction of the idea of being spelunker. The work was done through documentary and bibliographical survey and interviews with 18 individuals collected by electronic testimonials with speleological practitioners, between 2008-2009. The conceptual basis is anchored in the notion of geopoetics and the influences of poetic imagination of the landscape in the construction of representations of doing cave exploration. Were observed in the construction of this speech a conceptual polysemy and conflicts related to the characterization of the activity, showing the movement between rationalities and sensibilities of adventure practices in the nature, and the degree of knowledge on the subject. Stood out in representations of being spelunker the words: passion, knowledge/technique, adventure, participation, interactions/relationships and personality.

Key-words: Geopoetics; Social representation; Discursive practices; Spelelunker.

1. INTRODUÇÃO

A questão-chave que se apresenta é: o que é ser um espeleólogo? O que faz alguém se reconhecer como tal. Onde surge a tênue separação daqueles que simplesmente visitam uma caverna e aqueles impregnados por seus conteúdos simbólicos, que acabam se envolvendo como agentes sociais relacionados com estudo e proteção da paisagem subterrânea.

Foram selecionadas para o presente artigo alguns fragmentos de textos e depoimentos que permitem refletirmos sobre a criação desse personagem-protagonista do estudo, açãoacionista e divulgação espeleológica, que transita entre a prática ecoturística, o esporte de aventura, a exploração técnica e a pesquisa científica.

Procurou-se em diversas práticas discursivas identificar as representações do fazer espeleológico em todas suas multiplicidades. A questão da geopoética e do imaginário poético da paisagem foram bases conceituais para refletir nos fatores que definem as práticas de atividade de aventura, verificando aspectos de topofilia e pertencimento e participação direta na atividade em questão, a espeleologia. (BACHELARD, 1990; TUAN, 1980; GRATÃO, 2006; MARINHO, 2003, 2009; SCHWARTZ, 2006).

2. METODOLOGIA

Os dados foram obtidos a partir de amplo levantamento de documentos e referências bibliográficas no acervo da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), documentos disponíveis em

meio eletrônico. Esse trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado em Geografia (DG-USP), e parte de um estudo exploratório feito no âmbito da Seção de Educação Ambiental e Formação Espeleológica (SEAFE-SBE) e da Comissão de Antropoespeleologia da Seção de História da Espeleologia (SHE-SBE).

As representações da atividade espeleológica foram coletadas diretamente com 18 ativos praticantes, contatados por mensagem eletrônica em Grupos de Discussão do Yahoo relacionados com a gestão da SBE ou grupos de espeleologia. A amostragem é exploratória, mas é representativa do perfil geral do espeleólogo brasileiro.² A maioria dos entrevistados (67,8%) possui mais de 10 anos de atividades espeleológica.

Predominaram na amostra, com relação ao gênero, os ativistas do sexo masculino (72,2%), entretanto, as espeleólogas participantes da entrevista eletrônica são igualmente atuantes no cenário nacional. Quanto à idade dos entrevistados, apesar de haver uma distribuição por toda a faixa definida, observou-se que 50% dos entrevistados possuem idades abaixo dos 45 anos, predominando a faixa entre 26 e 35 anos com 38,9% da amostragem. A outra metade dos entrevistados está na faixa acima de 45 anos, sendo que 38,9% com idades entre 46 e 55 anos.

3. POÉTICAS DO SER ESPELEÓLOGO

A poética do ser espeleólogo é feita a partir de um célebre trecho de uma publicação de Leonardo Da Vinci, transcrita por Dematteis (1975):

Impelido por un vivo afán, ansío ver la gran confusión de las formas diversas y extrañas obradas por la artificiosa naturaleza; tras vagar entre umbrosos peñascos, llegué a la entrada de una gran caverna ante la cual detúveme estupefacto, ignorante de su existencia, doblado mi espinazo en arco y posando la cansada mano en la rodilla, cubriendo con la diestra mis párpados entornados; y agachándome ora a un lado ora a otro para ver si allá adentro discernía alguna cosa. E impidióme hacer tal cosa la gran oscuridad que allí dentro reinaba, y, transcurrido algún tiempo, de súbito se despertaron en mí dos cosas: temor y deseo; temor inspirado por la amenazadora y oscura espelunca; deseo de ver si dentro de ella hubiese algo milagroso. (VINCI apud DEMATTEIS, 1975, p. 8).

O tom poético da descoberta da paisagem cárstica e do mundo subterrâneo é evidente, mas não esconde a visão de Da Vinci como cientista. O estudo de Quinet (2002) sobre a psicanálise do olhar discute esse interesse de Da Vinci pela caverna, fornecendo elementos para a ação artística ou a investigação dos fenômenos ópticos.

A simbologia do mundo subterrâneo será o fator diferenciador dos praticantes da atividade espeleológica, pois cria um elo, um vínculo íntimo entre o agente e a paisagem cárstica e suas cavernas. Isso tem uma conotação de intensa profundidade, com suas explicações simbólicas.

Na simbologia dos sonhos, segundo a psicologia profunda, o caminho cheio de perigos através de cavernas escuras é interpretado principalmente como referência à procura de um sentido da vida nas profundezas de camadas herdadas do inconsciente materno, e outras vezes como o símbolo de uma regressão à obscuridade desejada e segura da vida pré-natal. Assim, o fascínio que as cavernas exercem sobre muitos amantes do seu estudo e exploração (espeleologia) não pode ser explicado apenas como a vontade de ampliar a pesquisa científica, mas também como um anseio apenas simbolicamente explicável por uma descida cognitiva às profundezas ocultas da própria personalidade. (...) (BIEDERMANN, 1993, 80-81)

A discussão sobre a constituição do espeleólogo vem há muito tempo sendo feita por diversos autores. Entre eles o italiano Giuseppe Dematteis.

Un auténtico espeleólogo penetra de las cavernas porque lo que vê y descubre en ella le interesa y le apasiona. Por esto la espeleologia es también una ciencia, pero en el sentido más amplio de la palabra, o sea, un deseo de conocer, de descubrir lo que está oculto. (...) La espeleología, por consiguiente, es ante todo una aventura que nos lleva a descubrir ciertos aspectos particularmente secretos y extraordinarios de la naturaleza. (...) Las cavernas atraen también porque son un mundo tan distinto de aquel en que vivimos que para hallar otro que fuese aún más extraño sería necesario ir a Luna. (DEMATTEIS, 1975, p. 8-9).

O simbolismo da atividade espeleológica vem carregado de objetos e práticas que são desencadeadas até pelos fétidos, mas saudosos,

odores do carbureto usado para iluminar as áreas de atuação. Uma mensagem eletrônica enviado por um pioneiro da espeleologia brasileira, Luiz Carlos de Alcântara Marinho, para a lista de discussão **Cavernas-Brasil**, de 17 de janeiro de 2000, demonstra essa força imagética.

Se tivesse que definir o cheiro de gruta seria o do carbureto. Cheiro de aventura. Impregnou-se tanto com as emoções vividas que tornou-se para mim um perfume-cheiro de gruta, cheiro de amizade. Sua luz luxuriante e quente, quantos locais fantásticos iluminou pela primeira vez, após milênios. Quanto aconcheio nos deu nos momento de repouso e reflexão, postada como sentinela no estalagmite, como guardião de momentos de amizade verdadeira. Estou velho para mudar velhos hábitos. Sou pioneiro, 007, "nêgo duro" e ao olhar, saudoso, minha lanterna na estante, troféu de tantas emoções, sinto saudades do cheiro de carbureto. (MARINHO, 2002, p. 25).

Outro trecho, publicado por uma associada da SBE, moradora de São Thomé das Letras (MG), pouco experiente da atividade espeleológica, mas muito interessada nisso, demonstra a energia forte da luz do carbureto e do ambiente cavernícola, mesmo que em rochas quartzíticas.

Vivo em um lugar que julgo ser mais perto do céu. Acordo com o som dos pássaros, riacho de água potável atrás de casa e eu mesma colho o que como. Ao meu redor tem morros, montanhas, cachoeiras, grutas e cavernas. Como disse: "Vivo mais perto do céu". As cavernas que conheço são somente as daqui de São Thomé das Letras, e eu entrei e saí inúmeras vezes, até perdi as contas, mas sempre com lampião, velas e até mesmo no escuro. Pois gosto de cavernas, sempre gostei. Agora, gosto por elas foi quando eu entrei pela primeira vez com a luz do carbureto. Me senti sim, no céu, "iluminada" no colo da mãe natureza. (LEITE, 2002, p. 19).

Clayton Lino, em entrevista realizada para o boletim **InformAtivo SBE**, sobre os seus 30 anos de atividades espeleológicas, ressalta como foi a sensação da primeira caverna, carregada de conteúdos simbólicos.

Foi marcante e mudou a minha vida. A primeira caverna que visitei foi a boca da Alambari de Baixo, mas o grupo não prosseguiu. Eu estava com o pessoal do CEU – Centro Excursionista Universitário, da USP.

Era a Semana Santa de 1972. Acabamos entrando na Alambari de Cima, que havia sido descoberta há pouco tempo pelos moradores do bairro: desci, passei o abismo, o rio com teto baixo e sai do outro lado com aquele salão maravilhoso. Me lembro que naquele momento eu disse "é isso!", eu havia descoberto o meu lugar no mundo. (...) Tudo novo, tudo maravilhoso. (FALASCHI, 2002, p. 8).

As visões estimuladas pelo imaginário das cavernas aparecem em vários trechos de publicações de espeleólogos e aficionados no assunto.

Como se estivesse entrando num templo, a noção de quão pequeno sou no espaço água. O silêncio, a escuridão, a luz recompondo as cores, a delicadeza de estruturas e condutos graciosamente gerados pela magia deste fluído. Magia esta pela sua química, magia esta pela sua energia, energia esta interminável, até quase esgotem os recursos do planeta. Então vislumbram-se obstáculos, solo lodoso, espaços restritos, desorientação espacial. (GANME, 1996).

O texto abaixo caminha no imaginário poético bachelardiano da caverna (BACHELARD, 1990), rebate momentaneamente no complexo de Narciso, reflete e exalta o sagrado, o divino, e literalmente se deixa levar pelos caminhos do mundo subterrâneo. Um arrepio vem na lufada quente da paisagem da caatinga potiguar, Solon Almeida Netto está impregnado disso.

Todos os dias caminho. Em todos eles, sinto a sede e o sol arder em meu pescoço. Cada calo que tenho, sei o passo no qual perdi a pele e, quando me espetam espinhos pelo solado, tudo o que faço é sentar no chão empoeirado e tirá-los, com os dentes, com as unhas. E não há um dia sem sede, sol ou espinhos. Agradeço a Deus, a cada dia, por tê-los comigo, pois somente assim sei que estou mais perto do que eu sou, para onde estou indo. A única certeza de quem anda é o passo. A única verdade de quem vive é o sol. E Deus vive no sol que queima cada um de nossos passos. Ainda não sei em quantos poços hei de descer para ver meu próprio rosto na água que o carbureto ilumina. Mas sei que, em cada um deles, o eco vai me mostrar algo mais do que somente a minha voz. Nas entranhas das pedras, não encontrei jamais a escuridão, mas um vazio repleto de pensamentos. E persigo-os, cada vez mais

fundo. Cada vez mais absorvo nos ecos e pensamentos da escuridão. Cada rasgo de sede guarda um sentido à água. Cada grão de poeira, um brilho de sol. Cada espinho que me fura a pele é um estímulo maior a soltar este couro e, como as cobras, reviver mais na Terra. (ALMEIDA NETTO, 2008, p. 9).

Ainda motivado pelo texto de Almeida Netto, descubro em outras poesias com mais alguns elementos desse imaginário geopoético.

(...) Caverna, magia e sons,
Água sussurra em carrilhões,
Camaradagens redescobertas,
Corredeiras de boas lembranças (...)
(Luiz Afonso Figueiredo, Fenda N'Alma, 05 jan. 2009)

(...) Entre cavernas e riachos,
Prazeres são revalorizados
Tantas andanças, tantas aventuras,
Acolhem pérolas, topos alcançados.(...)
(Luiz Afonso Figueiredo, Reencontros, Grutas e Amizades, 09 jan. 2009).

Algumas pessoas têm o contato com a atividade espeleológica já na infância, o que irá desencadear no futuro relações com o mundo subterrâneo. Glauber Rizzi (2002) relata a sensação quando foi levado pelos pais com 8 anos para visitar a famosa Gruta de Maquiné em Cordisburgo (MG), ele queria ir além das cordas de proteção do trecho turístico. Além do lado racional, mas realçou o lado do sagrado.

Este fascínio apoderou-se de mim de tal sorte que fez com meu subconsciente levasse-me a trilhar rumos em direção às cavernas. Isto levou-me a pensar quando da época da escolha do curso universitário que seguiria a vislumbrar a carreira de geologia (pois havia ouvido que um dos ramos deste curso era a Espeleologia)./ [...] Em suma, as cavernas são para mim obras de Deus e de toda Sua Magnitude, obra esta que extrapola os limites das belezas naturais alcançando o que para mim chamo de “experiências de vida”. “Cavernar” para mim é trabalhar meu eu interior, desbastar a pedra bruta de meu ser através da vivência de uma das belas criações de Nosso Pai. (RIZZI, 2002, p. 25).

A definição de espeleólogo é controversa ainda no Brasil, em parte por falta de formação acadêmica ou mesmo profissional do especialista na área. Isso gera diversos debates. O trabalho de Ximenes (2002, p. 20), apresenta algumas

considerações sobre o assunto e também sobre o papel educativo dos pais na formação cidadã dos filhos.

A definição de espeleólogo ou cavernista, registrada nos dicionários e novos livros básicos, é puramente técnica. No entanto, uma simples definição não é suficiente para descrever o fascínio que as cavernas exercem sobre nós, exploradores dos subterrâneos da Terra. Quando alguém vai a primeira vez a uma caverna (não na condição de turista) só pode acontecer duas coisas: ou essa pessoa vai se apaixonar pela coisa ou nunca mais vai querer saber de entrar na escuridão. Normalmente a primeira opção é predominante. Nós, veteranos, adoramos falar da nossa paixão para as pessoas que não conhecem as cavernas como nós conhecemos, procurando compartilhar o nosso entusiasmo, o nosso privilégio de podermos andar onde a maioria das pessoas não anda e, às vezes, até espalhar um pouco desse “vírus” espeleológico. É muito comum ouvirmos ou lermos relatos de principiantes, quando da sua primeira vez em uma caverna. É gostoso saber que mais uma pessoa aprendeu sobre esse mundo frágil e que estará disposto a fazer a sua parte para preservá-lo para as futuras gerações. Nessa cruzada de divulgação, nós da “velha guarda” às vezes fazemos coisas curiosas. Por exemplo, levar nossos filhos a conhecerem os lugares nos quais literalmente nos metemos. (XIMENES, 2002, p. 20).

4. TORNAR-SE ESPELEÓLOGO: TÉCNICA, CIÊNCIA E SUBJETIVIDADES

O processo de formação de espeleólogos foi investigado por Parellada (1990), contribuindo ao que ela chama de ritual de tornar-se espeleólogo, utilizando como estudo de caso o grupo de espeleologia paranaense que ela fazia parte naquela época (GEEP-Açungui). Essa autora, uma geóloga com atuação na área de arqueologia, procura nesse estudo exploratório traçar um paralelo entre os conceitos de rito de passagem, ritual, temas clássicos da antropologia e suas aplicações nessas tribos urbanas, chamadas grupos espeleológicos.

Os grupos espeleológicos têm comportamentos especiais quando da incorporação de novos sócios. Afinal, cada novo integrante deve ter sentimentos afins com o grupo, como principalmente o amor e o

respeito a natureza, além da solidariedade....
(PARELLADA, 1990, p. 2).

A autora cita uma estratégia de iniciação feita no GEEP-Açungui durante as primeiras atividades de campo realizadas pelos veteranos do Grupo para preparar os ingressantes à atividade espeleológica. É entregue ao iniciante uma bala e observado qual o comportamento desses aspirantes à espeleólogo com que irão fazer com o papel da mesma. Essa atividade, associada ao comportamento dos iniciantes nos diversos tipos de grutas e graus de dificuldade, uso de equipamento, momentos de introspecção com as luzes apagadas é que constituirão um ritual de iniciação.

Para um “pretendente” ter motivação para ser espeleólogo ele sentirá neste momento uma fusão de seu corpo com a caverna, e a água que percorre o interior da gruta entrará dentro de sua “alma”, ou seja, a caverna terá seu significado revisto e ampliado nos códigos simbólicos do iniciado. (PARELLADA, 1990, p. 4).

Desse modo, o rito de passagem começa a ser definido exatamente durante essas atividades de campo, como um “batismo espeleológico”.

O rito de separação da condição de um indivíduo curioso sobre as cavernas à condição de um elemento que tem domínio do espaço subterrâneo e de suas técnicas de exploração e estudo realmente inicia quando ocorre a saída à caverna. (PARELLADA, 1990, p. 3)

A confirmação do processo ocorre se o iniciante retorna às reuniões periódicas do grupo, pois a partir daí que o ingressante poderá tomar contato mais aprofundado com técnicas e equipamentos, podendo paulatinamente ir adentrando cavernas com grau de dificuldades maiores. Ao longo desse processo o indivíduo vai sendo testado em seus limites, afinidades e envolvimento com a atividade no sentido da prática espeleológica.

De outro ponto de vista, um texto de um reconhecido geoespeleólogo mineiro exemplifica um pouco a discussão do ser espeleólogo, nesse caso relacionado com a atuação profissional, visto o conflito com a competência para elaboração de laudos técnicos e planos de manejo de cavernas. Que já na década de 1990 começava a ser reforçado, surgindo um vasto campo trabalho, mas carregado de conflitos com a atuação de profissionais de outras áreas mais tradicionais que realizam esse tipo de

atividade, como geólogos, geógrafos, biólogos, arqueólogos.

Em termos mais diretos: no Brasil melhor espeleólogo é aquele que melhor veste a fantasia de espeleólogo que, ao invés de macacão e capacete, acaba sendo roupa social e boa conversa. Qualquer semelhança entre uma parcela dos espeleólogos brasileiros e o burocrata ou o político não é mera coincidência. Já que estou chegando ao ponto de fazer comparação tão desagradável, creio ser a hora de expor meu conceito de espeleólogo. Espeleólogo é aquele que possui um interesse genuíno por cavernas, seja este esportivo ou científico, que coloque este interesse acima do interesse econômico e que pratique a atividade espeleológica de forma contínua. Não são espeleólogos na minha opinião, por exemplo, um guia, seja de caverna turística ou de excursões “selvagens”, que geralmente cavernam com fins puramente econômicos. Ou um assíduo leitor de espeleolivos, um dedicado diretor de espeleoentidades que não pratica a atividade de campo. Ou aqueles que vão à gruta “só de vez em quando” ou “fui muito quando era mais moço”, os chamados espeleólogos bissexto. Infelizmente todos os acima citados se consideram espeleólogos. Creio que em qualquer parte do mundo esta diversidade se faz presente. O que me incomoda, no entanto, é a constatação de que, aqui, os pseudoespeleólogos são a maioria absoluta. (...) não sendo uma atividade derivada de nenhuma entidade educacional, qualquer um possui o direito (ou oportunismo) de se autodenominar espeleólogo. (AULER, 1990, p. 37).

No âmbito internacional não é de hoje que a atividade espeleológica é remunerada e existem especialistas contratados para elaboração de estudos sejam sobre barragens, fontes de abastecimento ou geotecnia..

O próprio nascimento da espeleologia profissional está ligado às empresas fornecedoras de energia hidroeétrica, que necessitavam conhecer os rios subterrâneos (contratação de N. Casteret pela EDF, na França). Hoje em dia, o turismo passa a ser uma das principais “indústrias” de algumas regiões cársticas, particularmente na Europa e nos Estados Unidos. (PROUS, 1992, p. 333).

O ecoturismólogo Marcelo Rasteiro (2004) considera que a classificação rígida do termo espeleologia, por conta da legislação de brasileira relacionada com áreas protegidas, divide os visitantes em cavernas em apenas duas categorias: pesquisadores e turistas e não conseguem dar conta de uma gama de pessoas interessadas no ambiente cavernícola, que não realizam estudos no sentido estritamente científico, nem por outro lado estão fazendo uma simples visita de lazer, muitas vezes relacionadas com pacotes turísticos oferecidos pelo mercado.

Estas atividades (espeleologia não científica) poderiam ser melhor entendidas com a adoção do termo espeleísmo em analogia a outras atividades como o montanhismo, canoismo, alpinismo, etc. porém não com o intuito de rompimento com a atividade espeleológica (posto que estão muito relacionadas) ou a criação de uma nova classificação, pois mesmo ampliada, ainda assim não abrangeria todas as atividades; deve servir sim pra demonstrar que existem outras atividades e necessidades que vão além do turismo e a pesquisa. (RASTEIRO, 2004, p. 21).

O autor ainda discorre sobre a importância dessa nova visão, principalmente nos órgãos públicos responsáveis pela administração de cavernas e sítios espeleológicos, pois do contrário estaria sendo retirado o incentivo para a formação de novos pesquisadores, como o caso dele próprio e

da maioria dos ativos espeleólogos. Rasteiro (2004, p. 21) afirma que isso vem sendo dificultado por não estar previsto nas normas de visitação dos parques e cavernas essa categoria intermediária de interessados pelas paisagens subterrâneas.

Considero que a questão levantada por Rasteiro (2004) procedente, entretanto, quero resgatar o problema de criação de neologismos, pois já existe em língua inglesa essa diferenciação em atividades consideradas *Speleology*, mas dividido em duas categorias de ativistas, os *cavers* ou *spelunkers*, cavernistas, exploradores, esportistas, técnicos e os *speleologists*, estudiosos de cavernas. Em virtude disso, considero que em língua portuguesa deva ser preferido o termo *cavernismo* e seus praticantes *cavernistas*, para seguir mais a tendência internacional. Na Figura 1 demonstra-se a divisão dos focos nas atividades ligadas as cavernas, apenas como contribuição ao debate, que ainda merece maiores reflexões e discussões. É importante frisar que não é uma classificação estanque, que reforça que existem interfaces em todas as categorias.

Essa contenda entre a importância da atividade exploratória ou a investigação científica, tão presente em embates atuais e destacada por pesquisadores, deveria passar por uma revisão crítica, pois ao longo do processo histórico de formação de espeleólogos e cavernistas, nos primórdios, as duas coisas caminhavam completamente unidas.

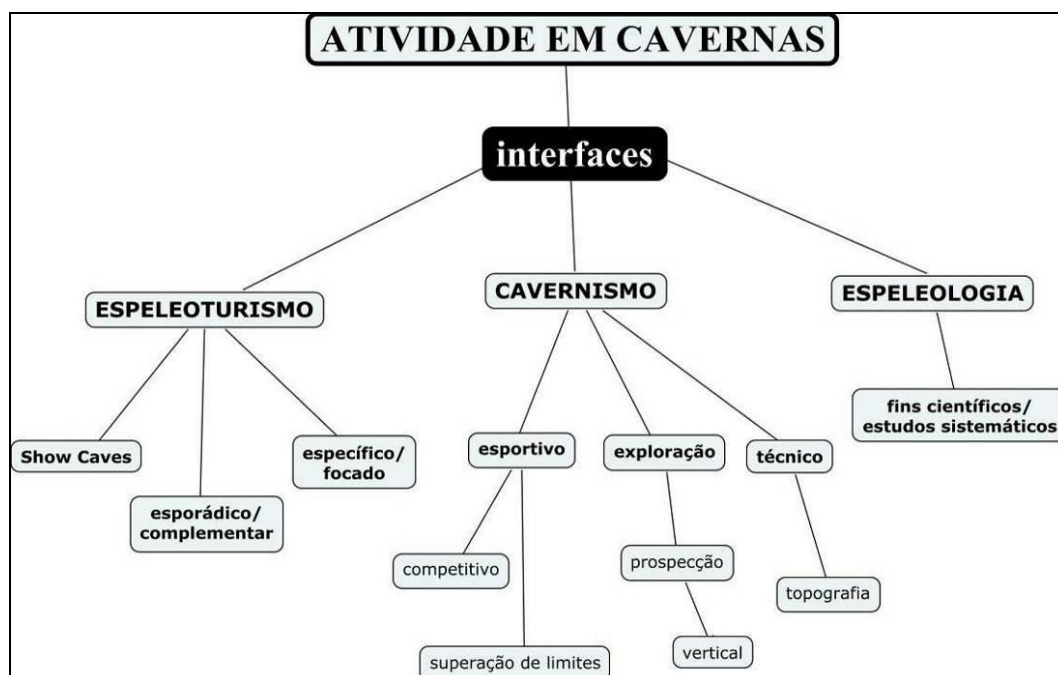


Figura 1- Mapa conceitual sobre proposta de classificação das atividades espeleológicas. (Fonte: LAVF, ago. 2008).

Trevor Shaw (1992) dedicou uma parte do seu estudo sobre história da espeleologia e da exploração de cavernas, a qual ele considerava muito mais do que um conjunto de técnicas para buscar subsídios científicos sobre as cavernas e seus precursores sempre tiveram uma íntima relação com ambos os lados, tal como Valvasor (1641-1693) e mesmo Martel (1859-1938), visto que os progressos adquiridos no campo da exploração eram importantes também para a espeleologia como ciência. (SHAW, 1992, p. 5).

As motivações para o crescimento da exploração de cavernas eram devido às simples curiosidade, a curiosidade científica, a exploração comercial ou mais recentemente, o prazer decorrente de um esporte desafiador. (SHAW, 1992, p. 5). Geralmente era necessária a improvisação de equipamentos e técnicas para as atividades exploratórias.

Mas não precisamos ir tão longe. Se pensarmos em Brasil, a maioria dos espeleólogos que iniciaram suas atividades antes do início dos anos 1990 passou pela difícil tarefa de improvisar todo o equipamento, capacetes, reatores de carbureto, cordas, blocantes, isso sem falar, em calçados, mochilas e vestuário, entre outros. Como dizia hilariamente o saudoso Guy Collet, pioneiro da espeleologia brasileira, eram necessárias habilidades, imaginação e uma boa dose de sorte e providência divina nas atividades, senão teriam acontecido mais acidentes graves. (COLLET, 1998).

Diversos autores da espeleologia têm procurado definir o campo de atuação do espeleólogo, sendo comum destacarem o papel da exploração de cavernas, o inusitado da atividade, o desconhecido, primazia de ser o primeiro, vencer obstáculos, cuidados entre outras características.

Desvendar a cada passo salões e galerias onde jamais outro homem penetrou, descobrir fantásticas formações minerais e estranhas formas de vida é sem dúvida uma das mais excitantes aventuras que a natureza ainda nos reserva. Explorar uma caverna é isto; e mais, é buscar entendê-las enquanto manifestação de inúmeras forças naturais, o que exige acurada observação, tecnologia adequada e senso de equipe. No caminho da exploração, inúmeros perigos e obstáculos físicos se opõem ao avanço do espeleólogo. O ambiente pode lhe ser hostil pela ausência de luz, pelo frio e pela umidade e o caminhar dificultado por grandes distâncias e desníveis, por pisos irregulares e

escorregadios, por estreitamentos e “tetos baixos”. Da mesma forma, rios, lagos e cachoeiras ou ainda trechos desmoronados, sifonados e inundações podem não apenas dificultar a penetração, mas até torná-la impossível. (LINO; ALLIEVI, 1980, p. 110-111).

Em outro texto, Lino (1989) ampliava a descrição e a diferenciação entre os diferentes ativistas das práticas espeleológicas.

[...] trata-se de um campo de ação extremamente amplo e complexo, que exige de um espeleólogo além da curiosidade e destreza física, competência técnica e/ou científica e larga experiência. Dessa forma, é conveniente distinguir o espeleólogo de outros frequentadores de caverna, sejam eles turistas eventuais ou simples esportistas de cavernas./ A esses últimos devem-se importantes descobertas e explorações, embora essa atividade deva ser entendida e formentada [sic] não como um fim, mas como uma etapa na formação de verdadeiros espeleólogos. É necessário, por outro lado, que não se entenda a espeleologia, o estudo das cavernas, como uma atividade passível de desenvolver na exclusividade de laboratórios e gabinetes. ***O espeleólogo no sentido mais global do termo deve, portanto, ser um cientista ou um técnico especializado que, além de dominar seu campo de pesquisa ou atuação, possua a destreza, a persistência e o preparo físico típico de um desportista.***/Do ponto de vista esportivo uma diferença básica distingue a espeleologia de outros esportes congêneres: nela não se privilegia a competição entre os indivíduos ou grupos, ao contrário, exige-se a solidariedade e o trabalho em equipe. Não se trata, igualmente, de vencer a natureza, mas de suplantar-se a si mesmo, suplantando limites físicos, técnicos e de conhecimento. (LINO, 1989, p. 45, grifo do autor).

Entretanto, era muito comum nos anos 1980 haver certo grau de competitividade entre grupos, no sentido de quem descobria mais cavernas, ou topografia o maior número delas, ou permanecia mais tempo explorando-as. Hoje, isso está bem reduzido, tendo em vista o esforço para realização das ações coletivas, expedições intergrupos e projetos integrados e participativos, e ainda existem poucos espeleólogos e tanto por fazer.

No artigo sobre a formação de novos exploradores Luiz Spinelli (1997), instrutor e operador turístico de técnicas verticais, destacada a transição entre conhecimento, exploração, segurança nas atividades, no limiar entre a visitação turística e a exploração de cavernas. Ressalta o papel dos grupos nas ações de iniciação espeleológica.

A minha preocupação com o assunto se justifica com o número cada vez maior de pessoas interessadas em atividades de aventura. Basta observar a quantidade de visitantes de cavernas do PETAR e entre eles os aventureiros anônimos que se arriscam sem qualquer preparo. Em muitos casos o problema é a falta de bom senso, mas temos que considerar também a necessidade e o espírito de aventura de muitos que não sabem como adquirir conhecimento técnico para a prática do esporte. Como uma pessoas [sic] no Brasil se inicia na prática da exploração de cavernas? Normalmente acompanhando alguém que já pratica. Quando este alguém tem verdadeiro domínio sobre o assunto ótimo, mas nem sempre é assim. Há muitos que aprenderam na “raça”, como se diz por aí, e ensinam o que não sabem para outros. [...] Uma atividade dirigida ao iniciante quando bem elaborada pode alcançar com eficiência os dois mais importantes objetivos desse trabalho: instigar o interesse do aluno sobre o esporte e ensiná-lo a praticar com qualidade. E o que é esta qualidade? É valorizar a segurança, é saber respeitar-se considerando os seus limites, é respeitar o meio ambiente, é ter o espírito de equipe e integrar-se à comunidade espeleológica. (SPINELLI, 1997, p. 14).

Em texto mais recente de iniciação à espeleologia dois conhecidos espeleólogos destacam aspectos que reforçam as citações anteriores e destacam a importância da exploração de cavernas na formação do espeleólogo, unindo exploração e ciência, planejamento e segurança.

O principal pólo motivador da espeleologia é, sem dúvida, a exploração de cavernas. A grande maioria das pessoas que se tornam espeleólogas tem na exploração sua atividade preferida. Esta preferência não é difícil de explicar. A exploração de cavernas possui um atrativo quase irresistível: a aventura. A exploração de cavernas se diferencia dos esportes de aventura por possuir um caráter em geral pouco competitivo. Muitos dos momentos mais

marcantes são compartilhados por apenas alguns poucos companheiros de exploração, a quilômetros da saída mais próxima, longe dos olhares do público em geral. Recentemente, com a exploração comercial dos chamados esportes “radicais”, criou-se uma falsa impressão de dificuldade técnica em nossas cavernas. Verdade seja dita, as cavernas brasileiras, mesmo considerando as variações regionais, são primordialmente horizontais, secas e com temperatura amena. Trechos de alta dificuldade técnica são pouco frequentes. Na Europa, onde as cavernas são em geral verticais e frias, a prática da espeleologia é extremamente técnica, e os riscos são infinitamente maiores. Entretanto, acidentes podem ocorrer, mesmo em trechos de fácil transposição. Uma boa logística na organização da expedição é indispensável para evitar situações de perigo. (AULER. ZOGBI, 2005, p. 47).

Outro aspecto importante nas atividades espeleológicas é a questão dos riscos. Isso aparece sempre em destaque nos textos de iniciação espeleológica. No Brasil, já tivemos alguns casos de acidentes em cavernas, mas são poucos e geralmente são motivados por imprudência ou fatalidade.

A questão do uso do carbureto tem levantado muitos debates nos meios espeleológicos. Vemos nos depoimentos descritos forte lado simbólico causado pelo cheiro e pela luz da carbureteira. A maioria dos espeleólogos com mais de 20 anos de atividade foram motivados por essas subjetividades causadas por um dos mais importantes equipamentos de uso espeleológico, a iluminação. Há o lado racional decorrente do impacto causado pela fuligem emitida pelo reator de carbureto.

Logicamente que a gestão e o planejamento são essenciais à proteção ambiental e à segurança do visitante, no entanto, a restrita definição de limites no manejo de áreas naturais, como nas cavernas, pode pasteurizar as atividades, principalmente quando se fala de aventura na natureza, mercado que tem crescido muito no Brasil. Bruhns (2009, p. 122) fala de ambiente excessivamente disciplinador e controlador, que parece caber nessa discussão. Pode-se correr o risco de esvaziar o espírito de aventura, tanto propalado nas atividades ecoturísticas atuais.

Se a aventura implica também em mistério, no inusitado, na reflexão, vivência de limites e os lados subjetivos, o foco luminoso completamente dirigido pela lanterna de mão, ou pela lanterna

frontal de capacete utilizando LED, leva a uma massificação e distorção da atividade.

Assim, a substituição da luz da carbureteira, em qualquer situação, parece precipitada, mesmo que por questões técnicas sobre os impactos negativos da fuligem devido ao uso muito frequente e muitas vezes irresponsável desse equipamento no passado, como foi constatado em investigações científicas conduzidas por Scaleante (2003) e Lobo e Zago (2010). Cada caverna tem sua peculiaridade, não podemos simplesmente generalizar um estudo que demonstre problemas. Claro que também não se pode ser negligente ou omissivo, muitos menos ficar preso no saudosismo.

O prejuízo decorrente da substituição do acetileno pela luz eletrônica, branca, é uma questão técnica e educativa, porque esse tipo de iluminação acaba achatando a paisagem e direcionando o olhar. Possui maior eficiência luminosa para o campo de visão e permite maior segurança na visita. Observou-se casos de dificuldades de caminhar de grupos de visitantes nas cavernas do Alto Ribeira e prejuízos à visão ou à acuidade visual decorrentes do uso excessivo da luz branca da lanterna de LED. Ressalta-se que o melhor seria realizar um estudo para definir melhor os limites e situações de uso do carbureto.

Tornar-se espeleólogo depende também de processos de integração e de atividades formativas. Nesse momento estamos implementando pela SBE a Escola Brasileira de Espeleologia (eBRe), cuja função será planejar, formatar, validar e preparar instrutores para o desenvolvimento e realização de cursos desde o início inicial de descoberta da espeleologia até questões avançadas. (FIGUEIREDO, 1997, 2009). Além disso, propõe-se ampliar a difusão nacional da espeleologia e iniciar os trâmites para a profissionalização das práticas espeleológicas.

5. REPRESENTAR-SE COMO ESPELEÓLOGO

Observou-se nos questionários aplicados entre os espeleólogos, que há um predomínio de universitários (94,4%) e, a maioria possui alguma titulação em nível de pós-graduação. A área de conhecimento acadêmico é variada: Biociências, Geociências, Engenharia, Turismo, Artes Plásticas, Ciências Contábeis, História e Química. O local de

moradia dos entrevistados ficou distribuído por quatro estados brasileiros e um entrevistado que vive no Canadá, predominando o estado de São Paulo (11) e Minas Gerais (4), estados com maior número de espeleólogos ativos.

Quanto à atuação profissional a maioria realiza atividades ligadas de alguma maneira a espeleologia (72,2%), atuando como professores de disciplinas afins da espeleologia ou organizando excursões com alunos, mas são também pesquisadores da área de Biociências ou Geociências, e um grande número (33,3%) que realiza atividades como consultores da área ambiental ou de ecoturismo.

Com relação à pergunta sobre se eles se consideravam espeleólogos, a maioria afirmou positivamente (66,7%), ou indicou que ainda era iniciante/aprendiz na atividade espeleológica ou se caracterizava como cavernista. Apenas uma pessoa assumiu-se como pesquisador especializado em carstologia e não como espeleólogo, tendo em vista questões conceituais apresentadas por ele como diferenciadora das atividades que ele realizava. A riqueza dos depoimentos permitiu caminhar no sentido de construir um discurso de sujeito coletivo, procurando encontrar nas falas dos entrevistados aquilo que pudesse caracterizar as representações do ser espeleólogo, as descrições sobre o processo de descoberta das cavernas e as redescobertas pessoais, indicando a eles novos rumos e posturas.

Assim, as características que melhor definem o ser espeleólogo são: **paixão, conhecimento/técnica, aventura, ambientalismo, participação, personalidade e interações/relações interpessoais** entre praticantes dessa atividade. (Figura 2).

A grande maioria dos entrevistados iniciou sua atividade motivada por praticantes veteranos da espeleologia, eles tiveram um importante papel educativo e formativo nessa iniciação, promovendo ações racionais, ligados aos conhecimentos e a compreensão dos fenômenos envolvidos, mas, também auxiliando no desenvolvimento de habilidades e técnicas.

Certamente o que me atraiu para o mundo da espeleologia, foi a forma amigável e descontraída de receber os novatos e a paixão que os veteranos ainda demonstravam em conhecer novas grutas. [...] (E17M, 38, 2009).

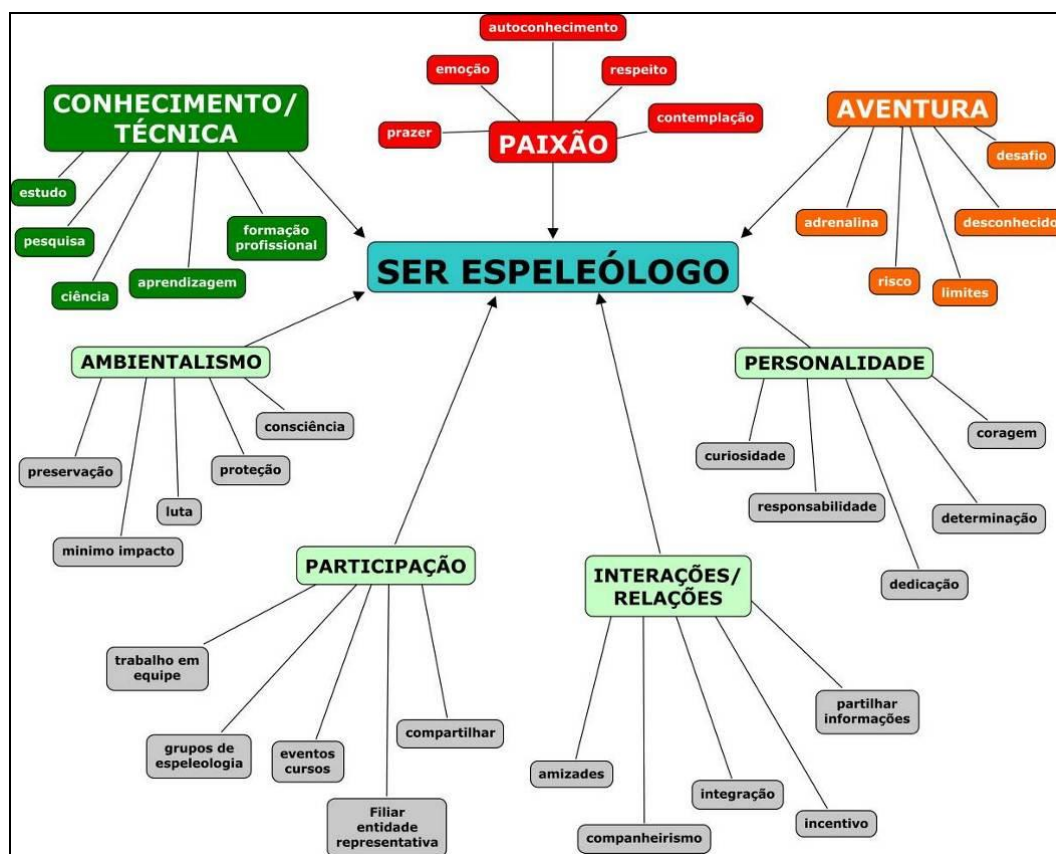


Figura 2- Mapa conceitual das representações de ser espeleólogo. (LAVF, out. 2010)

Os depoimentos evidenciam, por outro lado, o papel das subjetividades, decorrentes da forma como foram colocados em contato com as cavidades, ou resultantes do reconhecimento daquele espaço novo. Aguçar a curiosidade, o direcionamento do olhar, estímulo à observação e dedicação foram ressaltadas nessa caracterização. Afastam-se do papel de turista e de visitante para iniciar o caminho como estudioso das cavernas.

[...] o olhar de um turista eventual num ambiente cavernícola terá menor influência na desmistificação deste imaginário do que um espeleólogo que aprecia uma cavidade com uma crítica científica maior. Embora ambos busquem nestes ambientes visões únicas diferentes do seu repertório diário. (E13M, 32, 2008).

Uma das palavras que apareceu de forma muito intensa nos depoimentos foi *Paixão*, ou outras associadas, como emoção, respeito, contemplação, autoconhecimento e prazer, devido ao inesquecível e singular momento que presenciaram ao adentrar pela primeira vez em uma caverna. Fala-se novamente em “vírus espeleológico”, algo difícil de livrar, mas visto de forma completamente positiva. O encontro com algo novo e que permite o redescobrimto de limites, interesses e motivações.

Uma mudança repentina e radical ocorre a partir desse primeiro contato com a caverna e a descoberta da íntima relação do indivíduo com esse ambiente. A partir daí desencadeiam-se diversas ações, redirecionamento das atividades, formação acadêmica, lazer e até mesmo a atuação profissional. Os entrevistados ressaltaram momentos de nítida transformação pela experiência, saindo do medo e das sensações negativas para uma identificação completa com as práticas espeleológicas.

Tive que me adaptar em meio à sensação de medo do desconhecido, medo de altura, de escorregar, medo da água, mas foi um desafio muito legal. Saí da caverna com a roupa toda suja de terra, descabelada, provavelmente cheia de esporo de fungo, mas saí toda feliz porque descobri que caverna não é algo assustador como pensava. Hoje em dia tenho saudades de entrar numa caverna, só pra ficar na escuridão total. (E2F, 23, 2008).

As dúvidas afloram nos discursos dos entrevistados, mas ao invés de desmotivá-los, dissuadi-los, acaba incentivando ainda mais, movendo-os ainda mais em direção à espeleologia.

Ao entrar em uma caverna, muitas dúvidas passam pela minha cabeça, tais como: será que vou encontrar uma barreira

intransponível? Vou encontrar um animal estranho ou raro? Acontecerá, nesse momento, um abalo sísmico? Encontrarei formações curiosas ou raras? Saberei reconhecer e identificar tudo o que ver? Quando estou em uma caverna, fico exercitando minhas dúvidas. Quando saio de uma caverna, sinto que preciso conhecer uma nova [caverna] e por novamente as dúvidas na ativa. (E17M, 38, 2009).

Outra característica realçada nos depoimentos é a questão da aventura, aspecto fundamental para a assimilação desse mundo novo, algo que transita entre o fisiológico e o psicológico.

Às vezes com adrenalina à flor da pele, entrar numa caverna nova sozinho é uma emoção ótima. Estar naquele espaço novo, que ninguém nunca entrou, ver tantas coisas novas, ao mesmo tempo dá uns frios na barriga e uma sensação de bem-estar. (E1M, 61, 2008).

Quando se solicita a definição de espeleólogo uma das entrevistadas apresenta uma fala interessante, quando afirma que ser espeleólogo é como ser índio, ser judeu, ser cigano, você apenas é. E ela apresenta algumas características básicas que sintetizam as falas dos outros entrevistados.

1. **paixão** por cavernas e entrar em estado de graça no seu interior;
2. **estudo** e permanente interesse em se aprofundar no conhecimento de cavernas;
3. **trabalho** e **lazer** relacionado com cavernas;
4. **amigos** caverneiros muito próximos e também espalhados pelo mundo todo;
5. **luta** permanente pelas causas espeleológicas;
6. **ser filiada** a uma sociedade com o perfil [...] altruísta, humanitária, ética, democrática. (E5F, 56, 2009, grifos meus).

Apareceram ainda termos como companheirismo, responsabilidade, integração e amizade. A capacidade do trabalho em equipe, ações para compartilhar experiências e informações também foram destacadas.

Em alguns depoimentos destacam-se aspectos racionais relacionados com os conhecimentos envolvidos. Há ponderações e reflexões apresentadas na caracterização feita pelos entrevistados, reforçando a necessidade dos conhecimentos técnicos e científicos para o

desenvolvimento da atividade, as relações entre imaginário e ciência.

É estudar, pesquisar algum assunto relacionado às cavernas. São pessoas diferentes, pois optaram por se dedicar a uma forma da natureza que não atrai a mesma atenção [...] que outras, como praias, ilhas, rios e matas. (E3M, 31, 2008).

A descoberta da prática espeleológica, da paisagem cárstica e das cavernas abrem novos horizontes para esses iniciantes, estabelecendo novos interesses, apresentando as singularidades e a complexidade desse ambiente, permitindo, inclusive, um repensar no modo vida levado pela sociedade contemporânea e a necessidade de mudanças de postura.

As cavernas me abriram um novo mundo, tanto no aspecto social, pois ela me trouxe um enorme grupo de novos amigos e companheiros, quanto no aspecto cultural, pois me abriu as portas da geologia, da fotografia, da biologia, da paleontologia e incrementou a minha paixão pela arqueologia. (E15M, 53, 2008). [...]. (E15M, 53, 2008).

Entrar em uma caverna é acessar um novo mundo através de uma janela que nos permite chegar ao subterrâneo. Lá embaixo tudo é diferente de qualquer coisa que vemos no meio externo. As condições são singulares, o sistema é diferenciado e a vida mostra-se polivalente adaptando-se as novas condições através da evolução [...]. (E14M, 27, 2008).

Os depoimentos ressaltam que o interesse despertado pelas práticas espeleológicas, levando o indivíduo a querer mais, daí a procura por grupos de espeleologia, filiação a entidades representativas, participação em congressos e cursos relacionados com o assunto.

Ser espeleólogo é gostar de caverna e de certa forma contribuir e partilhar informações com outros espeleólogos. Esta contribuição depende de cada pessoa, pois é um trabalho voluntário que tem que ser feito de acordo com a disponibilidade de tempo, gosto e preparo físico do espeleólogo. (E18F, 46, 2009).

Também se fala em respeito e admiração, levando a depoimentos sobre a importância da proteção do patrimônio espeleológico, a luta em defesa do meio ambiente, a consciência ambiental e o papel dos espeleólogos. Esses valores estão presentes no lema internacional da espeleologia:

“das cavernas nada se mata além do tempo, nada se tira além de fotografias, nada se leva além das lembranças”.

Ser espeleólogo acima de tudo é ser um ambientalista que atua em ecossistemas de delicado equilíbrio com o meio externo. (E13M, 32, 2008).

Um crescimento interior, amor e respeito a natureza e todos os seres que nela habita. (E4M, 46, 2008).

Então, o mundo de fora e o mundo de dentro começam a entrar em confronto novamente. O retorno à vida normal. Entretanto, esse momento também é encarado pelos entrevistados como um ponto forte da atividade, pois é o reencontro com a realidade, reforçando os conflitos entre mundos vividos e experienciados, suscitando reflexões sobre a cotidianidade.

As cavernas são um mundo diferente, envolvido em mistérios, que somente as ciências podem desvendar e quando estamos no interior de uma caverna é como se estivéssemos em um lugar secreto protegido da violência e outras mazelas impostas pelo mundo atual, em um lugar de harmonia. (E12M, 47, 2008).

E a luz da caverna platônica parece reviver, nítida releitura da alegoria, mostrando a complexidade psíquica do mundo subterrâneo, não mais como ambiente da ignorância, mas como lugar da sabedoria.

Ao entrar em uma caverna que não conheço, além da grande curiosidade, sinto respeito e reverência por um espaço sagrado. Costumo rezar. Se já conheço, tenho sempre uma sensação de profundo bem-estar [...]. Sair da caverna também é maravilhoso. A luz do sol é simplesmente um milagre. Se estiver chovendo, a vegetação tem cores mais intensas. Se for noite então, é mágico! É sair de uma noite e entrar em outra noite diferente! (E5F, 56, 2009).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por trás da fria racionalidade dos que fazem da espeleologia uma prática em evolução, quiçá uma profissão, com todas as suas descrições detalhadas do fenômeno hidrogeoquímico ou a riqueza de uma paisagem aparentemente hostil ou das técnicas que permitem a melhor exploração e descoberta de algo novo, nunca antes pisado, mas que garantam a segurança e sobrevivência do espeleólogo, baseado em um medo protetor ou senso de preservação, existe, de outro lado, o impulso espontâneo à vertigem, à aventura e à adrenalina.

Existe evidente um sentido de maravilha e da descoberta interior, a introspecção profunda ou mesmo a ousadia transgressiva da ação participativa, sem, contudo excluir as individualidades e as novas sensibilidades. Na caverna há um perfeito trânsito entre medo, dúvida e maravilhamento, relação íntima entre coberto, descoberto e redescoberto.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA NETTO, Solon. Poesia. **Lajedos**. Natal: SEP; SEPARN, v. 1, n. 1, p. 9, abr. 2008.
- AULER, Augusto. Competência e credenciamento de espeleólogos. **O carste**. Belo Horizonte: GBPE, ano 2, n. 4, maio 1990.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins fontes, 1990. [original de 1948].
- BIEDERMANN, Hans. **Dicionário ilustrado de símbolos**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993.
- BRUHNS, Heloisa Turini (org.). **A busca pela natureza**: turismo e aventura. Barueri, SP: Manole, 2009.
- DEMATTEIS, Giuseppe. **Manual de la espeleología**. Barcelona, Espanha: Editorial Labor, 1975.
- FALASCHI, Celso. Clayton Ferreira Lino: 30 anos de espeleologia. **InformAtivo SBE**. Campinas, SP: SBE, n. 83, p. 8, out./dez. 2002.

- FIGUEIREDO, Luiz Afonso V. Educação ambiental e formação espeleológica no Brasil: estado da arte e perspectivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 24, 1997, Ouro Preto-MG. **Anais...** Ouro Preto: SEE/SBE, jul. 1997.
- FIGUEIREDO, Luiz Afonso V. Integração entre espeleologia e ecoturismo: proposta para a formação do bacharel em turismo e reflexões sobre a experiência na PUCSP. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 30, 2009, Montes Claros. **Anais...** Montes Claros, MG: SBE; GRUCAV; UNIMONTES, 2009.
- GANME, Gabriel. **Palavras de um homem das cavernas**. [s.l.]: JAG, 1996.
- GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Da projeção onírica bachelardiana, os vislumbres da geopoética. In: OLIVEIRA, Livia et al. **Geografia, percepção e cognição do meio ambiente**. Londrina, PR: Edições Humanidades, 2006.
- LEITE, Rosângela Oliveira. A luz do carbureto. **InformAtivo SBE**. Campinas, SP: SBE, n. 81, p. 25, maio/jun. 2002.
- MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (org.). **Turismo, lazer e natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003.
- MARINHO, Alcyane; UVINHA, Ricardo (org.). **Lazer, esporte, turismo e aventura: a natureza em foco**. Campinas, SP: Alínea, 2009.
- MARINHO, Luiz Carlos de Alcântara. Cheiro de gruta. **InformAtivo SBE**. Campinas, SP: SBE, n. 80, p. 25, mar./abr. 2002.
- PARELLADA, Claudia Inês. Análise do ritual de tornar-se espeleólogo no GEEP-Açungui: 1986-1990. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 21, 1991, Curitiba. **Anais...** Curitiba: SBE; GEEP-Açungui, 1991. [separata].
- PROUS, André. O carste e a arqueologia. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO QUATERNÁRIO (ABEQUA), 3, 1992, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ABEQUA, 1992b. (p. 330-341).
- QUINET, Antonio. **Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- RASTEIRO, Marcelo Augusto. **Características, práticas e motivações dos visitantes de cavernas**. 2001. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização em Ecoturismo) - SENAC, Águas de São Pedro, 2004.
- RIZZI, Glauber Marçal da Silva. A arte de cavernar. **InformAtivo SBE**. Campinas, SP: SBE, n. 80, p. 25, mar./abr. 2002.
- SCHWARTZ, Gisele Maria. **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006.
- XIMENES, Celso Lira. Aprendizes espeleológicos. **InformAtivo SBE**. Campinas, SP: SBE, n.82, jul./set. 2002.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

¹ Agradeço a orientação da tese de doutorado feita pela Profa. Dra. Sueli Angelo Furlan (DG-USP) e a colaboração da acadêmica de Ciências Biológica, Livia Fernandes Linhares Hora, como orientanda de iniciação científica, em trabalho de continuação ao tema de pesquisa.



² Durante a finalização deste estudo foi apresentado um amplo levantamento, denominado *Censo Espeleológico Brasileiro-2010*, promovido pelo Portal Eco-Subterrâneo e que contou com a participação de 220 pessoas. Observou-se que há uma proximidade em vários itens quanto ao perfil dos entrevistados, com destaque para o gênero, local, formação e nível acadêmico, participação em grupos de espeleologia e tempo de prática espeleológica.